

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI
CAMPUS PROF. ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

DANILTON NOBREGA DO SANTOS

**A IMPORTÂNCIA DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DO TERRITÓRIO DO
DELTA DO PARNAÍBA PARA ENSINO DE HISTÓRIA**

**PARNAÍBA
2013**

DANILTON NOBREGA DOS SANTOS

**A IMPORTÂNCIA DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DO TERRITÓRIO DO
DELTA DO PARNAÍBA PARA ENSINO DE HISTÓRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC,
apresentado como exigência para obtenção do
Certificado de Licenciatura Plena em História,
pela Universidade Estadual do Piauí - Campus
Prof. Alexandre Alves de Oliveira, sob a
orientação do Prof. Dr. Roberto Kennedy
Gomes Franco.

**PARNAÍBA
2013**

DANILTON NOBREGA DOS SANTOS

**A IMPORTÂNCIA DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DO TERRITÓRIO DO
DELTA DO PARNAÍBA PARA ENSINO DE HISTÓRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC,
apresentado como exigência para obtenção do
Certificado de Licenciatura Plena em História,
pela Universidade Estadual do Piauí - Campus
Prof. Alexandre Alves de Oliveira, sob a
orientação do Prof. Dr. Roberto Kennedy
Gomes Franco.

Aprovada em: ____/____/____.

Resultado _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Roberto Kennedy Gomes Franco (Orientador)

Prof^a. M.Sc. Jaqueline Feitosa Batista (Examinadora Externa)

Prof. Dr. Clódson dos Santos Silva (Examinador Interno)

DEDICATORIA

Dedico este trabalho à minha mãe Neves Nobrega, pelo seu esforço e dedicação, em palavras de conforto nos momentos mais difíceis de minha vida acadêmica, com coração mole nunca disse um não, com sua mão forte sempre esteve ao meu lado. Aos meus irmãos, primos cumpro a missão de ser mais curso superior da família, Ao meu orientador e amigo Professor Roberto Kennedy que mesmo nos momentos difíceis sempre esteve ao meu lado me motivando e incentivando a aprofundar minhas pesquisas dos Sítios Arqueológicos do Delta do Parnaíba. Professora Jaqueline pelo incentivo no primeiro projeto de pesquisa PIBIC/UESPI 2010/2 a 2011/1.

AGRADECIMENTOS

Agradeço de peito aberto ao grande historiador e amigo Mauro Junior, pelos textos que servirão de base para toda essa história de sítios arqueológicos da região Norte do Piauí.

Seu Inácio morador da Lagoa do Camelo e maior conhecedor da região onde se localiza o sítio arqueológico Pedra da Letra, onde despertei o interesse pela arqueologia, “Antoelson” meu parceiro, que sempre se dispôs nas caminhadas de reconhecimento da área a fim de descobrir possíveis novos sítios. Meus amigos que sempre estiveram ao meu lado nos momentos difíceis e bons no decorrer do curso de Licenciatura Plena em História, Samuel, Isailo e principalmente Luis Alves.

Obrigado a todos.

Os sítios arqueológicos de arte rupestre são portadores de uma linguagem e comunicação visual deixada por grupos humanos pré-históricos como testemunho das suas práticas e interação com o meio ambiente. “A humanidade, cada vez mais consciente da unidade dos valores humanos, as considera um patrimônio comum e, perante as gerações futuras, se reconhece solidariamente responsável por preservá-las, impondo a si mesmo o dever de transmiti-las na plenitude de sua autenticidade”.

Carta de Veneza: 1964

RESUMO

Neste trabalho é resultante de narrativas diversas sobre grande quantidade de sambaquis, sítios dunares, e ainda, de abrigos sob rocha com indícios de ocupação humana, onde a altura da entrada se mostra maior que a profundidade. Pode indicar também, paredões inclinados para a frente ou com a parte superior mais saliente, protegido uma área meio grande, fartos de inscrições rupestres localizados no litoral do Piauí. Onde as populações que vivem no em torno dos sítios, com sua cultura agrícola, entre outras atividades produtivas, podem ter perdido importantes indícios da cultura material dos grupos étnicos responsáveis pelas execuções de tais registros rupestres no litoral.

No processo de conscientização acerca da importância da preservação do patrimônio histórico cultural presente nos diversos sítios arqueológicos ali localizados, realizando diálogos com a comunidade sobre o que representa a degradação e/ou depredação destes sítios arqueológicos, explicando que só pesquisadores qualificados devem recolher material para análise e sem fins lucrativos, entrevistas com os populares para recolher informações importantes sobre possíveis novos sítios. Por fim, neste trabalho, desejo socializar e preservar a memória histórica dos vestígios da ocupação humana em torno do território do Delta do Parnaíba com uma educação voltada para a preservação patrimonial.

Palavras-chave: Sítios Arqueológicos. Memória, Ocupação Humana, Patrimônio.

ABSTRACT

In this work, resulting from various narratives about lots of middens, sites dune, and also on rock shelters, fed up with inscriptions located on the coast of Piauí. Where the people living around the sites, with their crop, among other productive activities, may have lost important evidence of the material culture of the ethnic groups responsible for the execution of such records cave on the coast. In the process of awareness about the importance of preserving the cultural heritage present in many archaeological sites located there, conducting dialogues with the community about what is the degradation and / or vandalism of archaeological sites, explaining that only qualified researchers should collect material for analysis and nonprofit organizations, interviews with popular to collect important information about possible new sites, Finally, in this work, socialize and desire to preserve the historical memory of traces of human occupation around the Delta of the territory with an education geared to heritage preservation.

Keywords: Archaeological Sites. Memory. Human Occupation, Patrimony.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Vista panorâmica do Sítio Arqueológico Pedra da Letra em Lagoa do Camelo município de Luis Correia.....	12
Figura 2: Pannel de Pinturas rupestres em abrigo sob rocha Sítio Pedra da Letra em Lagoa do Camelo.....	17
Figura 3: Pannel de Pinturas rupestres em abrigo sob rocha Sítio Pedra do Letreiro em Buriti dos Lopes.....	18
Figura 4: Pannel de Pinturas rupestres em rocha a céu aberto no Sítio de Bom Principio, cidade de Bom Principio.....	19
Figura 5: Pannel de Pinturas rupestres em rocha a céu aberto no Sítio Quisé, Luis Correia.....	20
Figura 6: Sambaqui Bico do Mocó em Cajueiro da Praia.....	20
Figura 7: Sambaqui Praia do Sardim.....	21
Figura 8: Logo Marca da J&G Meakin.....	22
Figura 9: Garrafa de Vinha do Velho Porto Malvasia que utilizava vasos da Garrafeira RCVNP.....	23
Figura 10: Utensílio doméstico de porcelana desde 1851.....	24
Figura 11: Cachimbo Caboclo em Cerâmica	24
Figura 12: Cachimbo Caboclo em Ceraâmica.....	26
Figura 13: Alunos do 6º e 7º ano do Ensino Fundamental II da Unidade Escolar Adalgisa Vieira.....	32
Figura 14: Palestra com a comunidade e alunos da Lagoa do Camelo.....	34
Figura 15: Aula de Campo sobre Educação Patrimonial com os alunos da Unidade Escolar Adalgisa Vieira.....	37

SUMARIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. DESCRIÇÃO DETALHADA DOS SÍTIOS ARQUEOLOGICOS CADASTRADOS E CATALOGADOS DA REGIÃO NORTE DO PIAUI.....	16
2. A MEMORIA HISTÓRICA SOBRE OS SÍTIOS ARQUEOLOGICOS DE LUIS CORREIA E DEMAIS CIDADES DO TERRITÓRIO DO DELTA DO PARNAÍBA.....	28
3. TRABALHO DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NA PRAXIS.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS	43

INTRODUÇÃO

[...] Por milênios o homem foi caçador. Durante inúmeras perseguições, ele aprendeu a reconstruir as formas e movimentos das presas invisíveis pelas pegadas na lama, ramos quebrados, bolotas de esterco, tufo de pêlos, plumas emaranhadas, odores estagnados. Aprendeu a farejar, registrar, interpretar e classificar pistas infinitesimais como fios da barba. Aprendeu a fazer operações complexas com rapidez fulminante, no interior de um denso bosque ou numa clareira cheia de ciladas. Gerações e gerações de caçadores enriqueceram e transmitiram esse patrimônio cognoscitivo. Na falta de uma documentação verbal para se por ao lado das pinturas rupestres e dos artefatos, podemos recorrer às narrativas de fábulas, que do saber daqueles remotos caçadores transmitem-nos às vezes um eco, mesmo que tardio e deformado.

(Ginzburg, 1989, p.151).

Esta pesquisa é fruto dos projetos PIBIC UESPI 2010.2/2011.1 e 2011.2/2012.1 que teve por objetivo no primeiro momento como bolsista a realização do trabalho de catalogação e preservação dos sítios arqueológicos da região Norte do Piauí. Ao analisar estes sítios, selecionei um em especial, trata-se do Sítio Pedra da Letra, localizado próximo da comunidade Lagoa do Camelo na Zona Rural de Luis Correia/PI, onde eu ministrava aulas da disciplina de História, pela Secretaria de Educação e Cultura do Piauí, como professor substituto na Unidade Escolar Adalgisa Viera.

Com isso enfatizei o processo de conscientização para os alunos do 6º e 7º ano do Ensino Fundamental II da rede pública, onde eles puderam contribuir para proteger este importante patrimônio da humanidade que durante muito tempo ficou esquecido e até mesmo desconhecido por pesquisadores e instituições públicas. Conseqüentemente, no decorrer do projeto, dei continuidade com o ensino de história sobre os sítios do território do Delta do Parnaíba.

Mediante esse processo de conscientização acerca da importância da preservação do Patrimônio histórico cultural presente nos diversos sítios arqueológicos ali localizados, fomentaram-se discussões com as comunidades circunvizinhas aos sítios sobre o que representa a degradação e/ou depredação destes patrimônios da humanidade.

As definições para o Patrimônio Cultural começam a se tornar mais abrangentes, sobretudo a partir dos anos 80, esta nova perspectiva ganha um aliado de peso na direção do IPHAN, que produz um debate em relação às políticas culturais de preservação. Onde se consolida um novo olhar a respeito do Patrimônio Cultural. É baseado nesse olhar que se pretende pautar as ações deste trabalho, valorizando a cultura regional e estando abertos para incorporar novos tipos de Patrimônio que possam ser reconhecidos. Diretrizes do IPHAN para as práticas de Educação Patrimonial, O IPHAN vem concentrando seus esforços na proteção dos bens patrimoniais do País, redigindo uma legislação específica, preparando técnicos e realizando tombamentos e restaurações que asseguraram a permanência da maior parte do acervo arquitetônico e urbanístico brasileiro, bem como do acervo documental, etnográfico, das obras de arte integradas e dos bens móveis. Em sua luta pela proteção do patrimônio cultural, estendeu sua ação à proteção dos acidentes geográficos notáveis e das paisagens agenciadas pelo homem (IPHAN, 1999).

É preciso destacar que a escolha do Sítio Pedra da Letra não foi aleatória, fruto do acaso, muito pelo contrário, isto porque, desde quando eu era criança sempre ouvia falar em histórias de um homem valente, sempre com arma em punho, rodeado por várias mulheres esnobando dinheiro e um carro possante, uma vez chamou-me mais atenção quando esse emblemático homem havia assassinado o seu próprio caseiro com um tiro a queima rouba em plena luz do dia. O motivo um ato de lavar sua honra, o estupro de uma criança filha da empregada doméstica da residência, quando soube do ocorrido foi logo acertar suas contas com o suposto estuprador, logo o avistou consumou o ato, sem se intimidar com ninguém. O caso repercutiu por toda a cidade, e para fugir da polícia se embrenhou na mata e passou um período de 3 meses escondido vagando pela região no entorno da comunidade de Lagoa do Camelo, sobre a caatinga e um sol escaldante, numa noite de lua escolheu um abrigo para passar a noite, sem saber havia descoberto um local cheio de “pinturas de índios”.

Essa história perpassou por vários anos e sempre ouvia falar dessas “pinturas de índios” na localidade de Lagoa do Camelo no interior de Luis Correia município litorâneo do estado do Piauí a 344 km da capital Teresina. Em 2010, tomei a iniciativa de desvendar se havia mesmo as tais pinturas na Lagoa do Camelo, tive contato com alguns moradores e coletando informações acabei conhecendo um experiente caçador de animais silvestres o “Réi Bil”, ele relatou que havia passado por um local havia uns “letreiros”. Marquei uma caçada na mata, mesmo sendo contra a caça de animais silvestre como tatus, pebas, mocos e outros tipos de animais. Embreei-me na mata fechada por quase 3 horas de caminhada,

quando nos deparamos com um paredão rochoso de longe, perguntei se poderíamos ir até a pedra que se destacava na região com seu pico saliente e formoso trabalhado no vento e água da chuva que esculpiu e formou um belo paredão ao longo de milhares de anos formado pela natureza.

Logo vi que se tratava de um abrigo sob rocha com uma vista privilegiada escolhida a dedo por grupo de seres humanos que ali viveram, onde deixaram uma das mais belas artes do ser humano. Um painel repleto de pinturas rupestres numa pequena caverna propicia para se proteger do sol e da chuva, local bem arejado e de difícil acesso para animais silvestres. Foi ali que escolheram e registraram seu cotidiano como cenas de caça ou atos religiosos. Tive a certeza que ali se encontrava um sítio arqueológico com pinturas rupestres de grande significado e em perfeito estado de conservação devido à proteção da natureza da vegetação e que por milhares de anos estava escondido da ação do homem moderno. Assim, fiquei na responsabilidade de não traduzir as pinturas, mas aproximar de vestígios das sociedades que ali viveram.

Um painel de pinturas do cotidiano de um grupo de indivíduos registrava pinturas rupestres, mostrando que mesmo com as dificuldades de procurar alimentos e sobrevivência mais selvagem, esses indivíduos foram felizes ao escolher um abrigo sob rocha tão deslumbrante como a “Pedra da Letra”.



Figura 1: Vista panorâmica do Sítio Arqueológico Pedra da Letra em Lagoa do Camelo município de Luis Correia.
Fonte: Danilton Nobrega dos Santos

Desta forma organizei os capítulos da forma abaixo:

O primeiro capítulo nasce fruto da necessidade de catalogar e registrar os sítios arqueológicos do Norte piauiense perante as instituições responsáveis como IPHAN, como bolsista Pibic/ Uespi 2010/2 a 2011/1 tive a missão de visitar os locais que possuem um número considerável de áreas de vestígios em suas adjacências, o que sugere uma concentração maciça de populações primitivas em épocas remotas, ainda que haja a possibilidade dessas ocupações terem sido sucessivas e temporárias. Com a quantidade de registros rupestres, grutas e abrigos sob rochas encontrados nas áreas próximas as cidades da região Norte do Piauí, são de suma importância para a sociedade brasileira.

Com o minucioso trabalho de resgatar e colocar em evidência a importância destes patrimônios da humanidade para as populações circunvizinhas aos sítios, desconhecidas pelos os mesmos, levando em conta os relatos e histórias colhidas informações que futuramente, serviram como base tanto de educação patrimonial nas escolas como fonte de renda a fim de terem subsídios, com o turismo ecológico muito apreciado nos dias atuais.

Metodologicamente, para isso fiz uma descrição detalhada de cada sítio, neste sentido a escrita de nossa história segue o modelo do paradigma indiciário de Carlo Ginzburg (1989), ou seja, mediante a análise dos micro vestígios arqueológicos da região norte piauiense de uma obra, perceber os vestígios materiais, levando em consideração aspectos mais particulares e a primeira vista sem significado, realizando assim, uma pesquisa em história que remete ao de um investigador policial.

Assim, comparando os padrões das culturas inseridas em cada local antes habitado, onde pode observa pinturas das mais diversas Tradições, como a Agreste estão inseridas numa categoria de pinturas rupestres sem ideia de movimento ou estáticas, grafismos não figurativos em padrões geométricos eram repetidamente relatados por diferentes sujeitos, incluindo ele mesmo, os padrões acabaram classificados no que ele chamou de “constantes de forma”, de quatro tipos: túneis, espirais, colmeias, pinturas da Tradição Nordeste com riqueza de detalhes concentrada em sua maioria na região do estado do Piauí que é encontrada não somente nos grandes Parques Nacionais com Serra da Capivara, Confusões, Serra Vermelha e Sete Cidades. Mais mas também nas sete cidades do Norte do Piauí.

De acordo com numerosas evidências já levantadas por diversos profissionais como arqueólogos, geólogos, historiadores, existem vários indícios da existência de

populações primitivas num passado remoto em toda extensão do Estado. Parte desses vestígios encontra-se em condição de abandono, a mercê de ações da natureza, onde as colônias de cupins, “Maria pobre” um tipo de vespa, e da atividade de cultivo agrícola e principalmente na região Norte do Estado. Por isso tratamos, nas primeiras palavras desse trabalho sobre os aspectos físico do nosso campo de pesquisa.

No segundo capítulo, sugiro uma proposta para a disciplina de história de 6º e 7º anos, no âmbito de enfatizar a memória histórica que inclusive é colocada sua importância nos Parâmetros Curriculares Nacionais, que sugerem um trabalho docente onde os alunos apresentam a posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva das diferentes situações sociais, utilizando um diálogo como forma de mediar conflitos e tomar decisões coletivas, onde a educação patrimonial tem que ser trabalhada com os professores de história nos planejamentos escolares, para convocar e sensibilizar essa tarefa, que envolva o desenvolvimento que ampliem o conhecimento sobre o passado e as relações que a sociedade estabelece, sempre com a necessidade de refletir para construir uma memória social como patrimônio da humanidade e sempre indagar o resgate da memória e de todos os setores da sociedade.

Com isso venho colocar a arqueologia como disciplina extracurricular não somente nas universidades, mas engajar-se nas escolas com as perspectivas de instrumentalizar o combate pela cidadania e transformar a memória em conhecimento que tomamos como o fazer arqueológico, nossa história em torno da disciplina arqueológica tem sua origem uma ausência de absoluto comprometimento com a memória social e a construção da cidadania.

No terceiro capítulo desde trabalho, fomentei discussões com a comunidade acerca do que representa a degradação da natureza pelo homem e a depredação dos sítios arqueológicos, onde o ensino de história e a interdisciplinaridade, ligando essa teoria podem evidenciar o ensino de história como proposta curricular procurando concentrar-se no processo de ensino aprendizagem em lugares históricos como cidades históricas, lugares com monumentos históricos e sítios arqueológicos especificamente, com estudos de meios que indicar a necessidade de incluir o patrimônio histórico na concepção de lugares de memória da sociedade brasileira, mesmo não existindo uma linha contínua de povoamento.

Onde a interdisciplinaridade ganha um suporte significativo principalmente em se tratando de meio ambiente, se partirmos do conceito da natureza em Marx, pois abordar as necessidades não é somente econômico e técnicas, mas também afetivas e mitológicas com

efeito da natureza e sociedade, assim com o indivíduo não são contraposta entre si, ainda como natureza não pode ser separada do homem tampouco o homem e suas produções (artefatos, pinturas, rituais), Marx elabora em suas teses sobre Feurbach, na sua obra *A Ideologia Alemã*, uma solução para o dilema da natureza na humanidade que hoje ainda é atual, em sua primeira tese ele fala que “é preciso pensar na realidade exterior não sob a forma de objeto ou de intuição, mas enquanto atividade humana concreta, enquanto práxis, de maneira não subjetiva” portanto a realidade exterior é práxis humana, onde designa para Marx atividade social dos homens cuja base é a atividade de produção material sendo a transformação da natureza e essência humana é uma realidade que ocasiona as relações sociais.

1. DESCRIÇÃO DETALHADA DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS CADASTRADOS E CATALOGADOS DA REGIÃO NORTE DO PIAUÍ

A partir da experiência como bolsista PIBIC / UESPI 2010/2 a 2011.1 e 2011/2 a 2012.1 tive o trabalho de catalogar e registrar os sítios arqueológicos, estes locais possuem um número considerável de áreas de vestígios em suas adjacências, o que sugere uma concentração maciça de populações primitivas em épocas remotas, ainda que haja a possibilidade dessas ocupações terem sido sucessivas e temporárias. Essas observações foram baseadas na quantidade de registros rupestres, grutas e abrigos sob-rochas encontrados nas áreas próximas as cidades da região Norte do Piauí, mostrando o potencial arqueológico da região do Delta do Parnaíba, onde uma busca movida pela curiosidade associada à necessidade de descobrir vestígios pré-históricos de ocupação humana no território piauiense, O projeto nasceu com a finalidade de explorar e investigar a existência de sítios arqueológicos no extremo norte do Piauí compreendendo a Planície Litorânea. Ao mesmo tempo visando programar ações como: expedições, pesquisa científica, e principalmente a exploração do potencial turístico e ecológico da região Norte.

O sítio Pedra da Letra em Lagoa do Camelo no município de Luis Correia foi o pontapé inicial para as pesquisas e fruto de locais das aulas de campo com o contato direto do aluno com o patrimônio arqueológico, mostrando o costume do homem pré-histórico em registrar figuras pintadas em uma parede, como uma manifestação de um sistema de comunicação social, que se trata de uma linguagem na qual o verdadeiro significado perdeu-se no tempo por não conhecermos o código de interpretação dos realizadores, onde cada grupo étnico possui um sistema de comunicação gráfico e composições, com isso as definidas tradições ou subtrações, segundo critério de ligados a diferença gráfica, assim como especifica as composições das pinturas.

De acordo com Pessis (1993).

É caracterizada pela presença de grafismos reconhecíveis ou seja figuras de homens, animais, plantas e objetos, e de grafismos não figurativos que não podem ser identificados, a não ser por sua forma geométrica, as figuras são muitas vezes dispostas de um mundo a representar ações, cujos temas podem ser identitários ou não, e se relacionam seja com cenas da vida de todos os dias, o universo cotidiano, seja com o mundo cerimonial, o universo simbólico. Tais ações são numerosas e constituem a especificidade da tradição Nordeste e Agreste.

(PESSIS, A-M .pag. 127 1993)

Com isso realizei o minucioso trabalho de descrever cada sítio arqueológico, nas suas diferentes áreas da arqueologia com sítios a céu aberto e sambaquis, com suas características, de acordo com numerosas evidências já levantadas por diversos profissionais como arqueólogos, geólogos, historiadores, existem vários indícios da existência de populações primitivas num passado remoto em toda extensão do Estado. Parte desses vestígios encontram-se em condição de abandono, a mercê de ações da natureza, onde as colônias de cupins, Maria pobre um tipo de vespa, e da atividade de cultivo agrícola e principalmente na região Norte do Estado. Por isso tratamos, nas primeiras palavras desse trabalho sobre os aspectos físico do nosso campo de pesquisa.

- **Sítio Pedra da Letra em Lagoa do Camelo**

Catalogado em agosto de 2009.

Descrição do sítio: Abrigo sob rocha com pinturas rupestre de cor vermelha, denominada Tradição Agreste e grafismos não figurativos, numa altura de 15 m, região conhecida como Cruvuada este sítio foi localizado devido à queimada da vegetação nativa (caatinga), e relatos de histórias dos populares.



**Figura 2: Pannel de pinturas rupestre em abrigo sob rocha Sítio Pedra da Letra em Lagoa do Camelo.
Fone: Danilton Nobrega dos Santos**

As pinturas se encontram com sérios problemas de conservação devido as queimadas e saís, cupins e insetos conhecidos como Maria pobre, deslocamento e escorrimento de água sobre as figuras.

Acesso: trilha 1000 m pedestre, da BR que liga Piauí com Ceará. (Fig. 01 Pedra da Letra: detalhe deslocamento da rocha e insetos sobre as pinturas.) Proprietário do terreno: Anacleto Thiers Carneiro Localização: Fazenda São Lino, município de Luis Correia. Guia: Sr. Inácio Loiola Dados GPS - **utm E: 247782 N: 9661250**

- **Sítio Pedra do Letreiro Buriti dos Lopes**

Descoberto em dezembro de 2009

Descrição do sítio: Abrigo sob rocha com pinturas da Tradição Nordeste e Agreste, existência de um painel pictórico com muitos problemas de conservação, sobre as pinturas ocorre escorrimento de água e pichações de carvão vegetal, sendo resultado de vandalismo.

Acesso: trilha pelo Bairro Macambira perto da Lagoa do Buriti 1.28 km de trilhas fechada.

Proprietário do terreno: Assentamento dos trabalhadores rurais.

Localização: Riacho da Lera, Bairro Macambira, próximo a Lagoa do Buriti.

Guia: Kaká. Local

das pinturas:

Riacho da Lera

Dados GPS - **utm**

9646508 24M

0181563 N: 015

NE: 30



**Figura 3: Painel de pinturas rupestre em abrigo sob rocha Sítio Pedra da Letra em Lagoa do Camelo.
Fone: Danilton Nobrega dos Santos**

- **Sítio arqueológico de Bom Princípio**

Descrição do sítio: abrigos sob rocha com pinturas rupestres com características abstratas e geométricas, denominadas da Tradição Agreste. Local de pouco acesso devido à mata fechada e rios perenes, pinturas com sérios problemas de conservação devidos deposição de sais, galerias de cupins e escorrimento de água sobre as pinturas.

Acesso: estrada de piçarra que leva para a Fazenda do seu Bernardo.

Proprietário do terreno: Seu Bernardo Localização: Bosque da Guarita Guia: Seu Bernardo

Dados: GPS- utm: **9654646 24M: 0191049 N:15 NE:030**



Figura 4: Pannel de pinturas rupestres em rocha a céu aberto Sítio de Bom Princípio
Fonte: Danilton Nobrega dos Santos

- **Sítio arqueológico de Quisé**

Descoberto em agosto de 2009

Descrição do sítio: abrigo sob rocha com pinturas rupestres, Tradição Agreste característica Antropomorfo, com problemas de conservação devido a escorrimento de água e sinais de depredação de vândalos e insetos como Maria pobre, e única com essa característica

na região, local perto de um rio perene, local de passagem do gado criado solto (cultura comum na região).



Figura 5: Pannel de pintura rupestres em rocha a céu aberto Sítio Quisé. Fonte: Danilton Nobrega dos Santos

Acesso: estrada que liga as

localidades de Camurupim a Brejinho de Fátima, municípios de Luis Correia.

Proprietário do terreno: Prefeitura Municipal

Guia : Danilton Nobrega

Dados: GPS – **utm: 9609803 24 M - 9609803**

NW:330345N:015030NE:06

Pedra de Quisé com sérios problemas de escoamento d'água, insetos como Maria pobre.

- **Complexos de sítios arqueológicos em Cajueiro da Praia.**

**Bico do Mocó,
Barrinha,
Praia do
Sardim.**

Descrição do sítio: sambaqui, sítios sobre

dunas. Acesso: trilha



Figura 6: Sambaqui Bico do Mocó. Fonte: Danilton Nobrega dos Santos

Proprietário do terreno: Domínio da União

Guia: Seu Heleno.

Localização: Praia de Cima, próxima a Base do Peixe Boi Marinho, Praia do Morro Branco, Praia da Barrinha.

Todos os sítios com concentração de material lítico, cerâmico, sambaquis, megafauna, moluscos.



Figura 7: Sambaqui Praia do Sardim.
Fonte: Danilton Nobrega dos Santos

Trabalho de escavação

no quadrante de 1m² quadrado, sondagem com nível, estratigrafia.

Dados: Bico do Mocó - **utm: 9676 462 24 M 0240637**

A cidade de Cajueiro da Praia com os sítios Bico do Mocó na Praia de Itám, Praia do Sardim povoado de Morro Branco e Praia da Barrinha com um complexo de sítios arqueológicos com registros indígenas provavelmente de ocupação Tremembé que deixaram inúmeros vestígios de sua ocupação, com uma quantidade expressiva de material lítico, cerâmico, mega fauna e moluscos.

Em Luis Correia há também evidência de populações indígenas na Praia da Carnaubinha no sítio das Três Maria e no mais conhecido sítio do Seu Bode na Praia do Macapá com alguns projetos de pesquisa com datação de até 2.000 anos conforme (BORGES,2004) .

A partir dos estudos dos sítios arqueológicos no litoral do Piauí, será possível relacioná-los as outras ocupações litorâneas do restante do país. Onde os estudos estão mais avançados e onde já é possível traçar considerações importantes sobre o modo de viver na costa, o que seria uma grande ousadia para alguns, dá algumas indicações sobre este modo de viver (ANDRÉ PROS 1992, p.263).

- **Complexos de sítios arqueológicos em Luis Correia.**

Sítios do Seu Bode, 3 Maria

Descrição do sítio: sambaqui, sítios sobre duna.

Acesso: estrada que liga Luis Correia a praia de Macapá.

Guia: Seu Bode.

Proprietário do terreno: Domínio da União.

Localização: Praia do Maramá, Macapá. Todos os sítios com concentração de material lítico, cerâmico, moluscos, vestígios de fogueiras e sambaquis.

Dados: GPS – utm: **9679238 24 M – 0224495**

- **Sítio Histórico Morro do Gemedor em Ilha Grande**

Descrição do sítio: Após a movimentação das dunas pelo vento que trouxe à superfície os restos da história.

Moradora das proximidades, em suas caminhadas, topou com cacos de porcelanas, garrafas de vinho, moedas, utensílios de ferro, pregos, taxas, fivelas e acabamentos de cobre. Também foram encontrados cacos de cerâmica indígena, incluindo cachimbos.

Os cacos de porcelana mostram pratos, vasos, xícaras e outras peças de fabricação inglesa, holandesa e chinesa, vindas de fábricas como a J & G Meakin, e a Petrus Regouta CO.



Figura 8: Logo marcas das empresas catalogadas.
Fonte: Danilton Nobrega dos Santos

A primeira é inglesa, fabricante de utensílios domésticos de porcelana desde 1851. A segunda é holandesa e está no mercado desde 1834.

As garrafas de vinho são do Porto, Portugal, e trazem a inscrição RCVNP acompanhada de uma coroa. Esta garrafeira produz peças desde 1790, e o Vinho Velho do Porto Malvasia era uma das marcas portuguesas que envasavam seus produtos nesses vasilhames. Vinho Velho do Porto Malsavia que utilizava vasos da Garrafeira RCVNP.

As moedas brasileiras do período imperial trazem datações dos meados do século XIX. No sítio, é encontrado grande quantidade de cacos de cerâmica indígena, como vasos, panelas e cachimbos.

O intrigante Sítio da Dona Dadá é um desafio para pesquisadores de várias áreas do conhecimento, e seus vestígios permitem começar a escrever uma história, principalmente da transnacionalidade do comércio de Parnaíba. Este comércio já se inicia com os índios Tremembé, no século XVI.

Acesso: trilha de 3.43 km, pela região do complexo de dunas do Delta do Parnaíba. Proprietário do terreno: Eco City

Localização: Morro da Mariana fig.

Guia: Dona Dadá

Local do sítio próximo aos complexos de mangues do Delta Parnaíba

Material sobreposto no sítio: material caboclo, cerâmico, ferros, panelas, tachinhas, pregos, louça francesa, chinesa, inglesa, cachimbos cerâmicos, garrafa de vinho português,

material de pesca.

Dados: GPS –

utm: 9687299 24

M: 019.0849

N:015030NE.

Fonte:<http://relamej>

adoel.blosp.com/201

0/12/dapetlgi-teko-

ilkan-

oesoehollandia.



Figura 9: Garrafa de Vinho Velho do Porto Malsavia que utilizava vasos da Garrafeira RCVNP.



Figura10: Utensílio doméstico de porcelana desde 185
Fonte: Danilton Nobrega dos Santos

Nestas cidades se encontra certa quantidade de pinturas rupestres com uma similaridade muito expressiva com as pinturas e gravuras, como fitmorfos, antropomorfos,



Figura 11: Cachimbo caboclo em cerâmica .
Fonte: Danilton Nobrega dos Santos

zoomorfos, do Parque Nacionais do Sudeste do Piauí com a cultura da tradição Agreste e tradição Nordeste com ideia de movimento segundo (GUIDON, 1977, p. 40) e grafismos não figurativos, cenas de caçar, figuras de animais típicos da região que como capivaras, veados, tatus e répteis (Martin, 1996) material lítico, cerâmico, pontas de lanças, chifres, ossos

quebrados e perfurados com instrumentos bem elaborados e até peixes fosses segundo Anne Pessis (1999).

Outra importante atividade relacionada à arqueologia são os entrepostos comerciais do Piauí, inicialmente, ainda no período colonial, foram essencialmente ligadas ao comércio de produtos agropecuários. Era uma economia impulsionada pelo comércio de gado que, “numa primeira fase da economia piauiense tudo saía do curral, inclusive o comércio e as finanças”. Já nessa época, o rio Parnaíba e seus portos apresentavam-se como importantes elementos no comércio regional. Essa situação pode ser percebida em documentos oficiais como as Cartas de 15 e 16.02.1781, da Junta Governativa, informando que no Porto das Barcas (Parnaíba) exportavam-se: couros em cabelo, solas e atanados. Transportam anualmente para outros diferentes portos ao número de trinta até trinta e dois mil couros e de solas quatro mil meios. (Carta da Junta Governativa de 1781).

No século XVIII, como consequência do desenvolvimento das atividades agropecuárias na região, surgiram as primeiras charqueadas na cidade de Parnaíba, que abastecia outras plagas com carne de charque, por via marítima. Essa atividade, entretanto, não se estabilizou de forma consistente. Outra atividade importante, o comércio do couro e seus derivados, à economia não se constituía em impulso bastante forte para assegurar a implantação de uma indústria mais sólida.

Em princípios do século XIX, a pecuária persistia como fonte principal de riqueza do Piauí, Essa atividade que desconhecia problemas de transporte, por volta de 1815, as atividades agrícolas começaram a apresentar certa diversificação, surgindo alguns produtos como fonte alternativa de renda monetária em relação aos produtos da pecuária bovina, destacando-se o algodão, cuja cultura, no decorrer do século, adquiriu caráter comercial internacional. Foi nessa época que se fizeram as primeiras exportações de algodão pelo porto de Parnaíba.

E, na cidade de Parnaíba, juntamente com a criação da Alfândega, foi autorizada a criação da Inspeção do Algodão, visando facilitar o embarque desse produto. Relatórios Provinciais atestam a crescente importância dessa atividade econômica. Os relatórios do Presidente da Província, de 11.07.1846 e de 03.07.1851, referindo-se às atividades, informam que na Vila Poti se construíam barcos para conduzir o produto (algodão) pelo Parnaíba, pois a Casa Inglesa comprava-o pelo mesmo preço do Maranhão. “os lucros obtidos com a exportação do algodão serviam para pagar as compras feitas no estrangeiro de mercadorias de consumo e outros bens”. Depois de 1840, o Piauí voltava-se, mais intensamente, para o comércio mundial,

inicialmente com o gado, o algodão, secundariamente arroz. Mais tarde, outros produtos se agregaram a esse comércio, como foi o caso da borracha de maniçoba, seguindo-se a da cera da carnaúba e do babaçu.

Com um comércio intenso a entrada e saída de navios abarrotados de mercadorias oriundas de várias partes do interior do estado, e todo um aparato burocrático no Porto Salgado era mais que necessário para viabilizar as finanças do estado, onde a Alfândega veio para controlar este intenso comércio de mercadorias e fiscalizar a entrada de navios estrangeiros como Ingleses, Franceses e Holandeses e Alemães.

Com isso só venho reforçar a existência de um porto de contrabando na cidade de Ilha Grande no município de Morro da Mariana, um local repleto de



Figura 12: Cachimbos de origem cabocla
Fonte: Danilton Nobrega dos Santos

dúvidas sobre indícios de sítios históricos com uma quantidade de utensílios domésticos, no Morro do Gemedor no sítio batizado pela pescadora Dona Dedé, este possui uma característica muito particular, pois há indícios de ocupação indígena e de ocupação cabocla que habitava a região provavelmente no final do século XVIII e início do século XIX, os materiais sobrepostos devido o deslocamento das dunas, fato que ocorre constantemente na região, nos mostram grandes dúvidas sobre suas origens, como cacos de porcelana, pratos, vasos, xícaras e outras peças de fabricação inglesa, holandesa e alemã, vindas de fábricas como a J&G Meakin, e a Petrus Regouta CO. As moedas brasileiras do período imperial trazem datações dos meados do século XIX, no sítio também há uma grande quantidade de cacos de cerâmica indígena, como vasos, panelas e cachimbos.

Esta garrafeira produz peças desde 1790, e o Vinho Velho do Porto Malvasia era uma das marcas portuguesas que envasavam seus produtos nesses vasilhames, como Vinho Velho do Porto Malvasia que utilizava vasos da Garrafeira RCVNP.

Os cacos de porcelana mostram pratos, vasos, xícaras e outras peças de fabricação inglesa, holandesa e chinesa, vindas de fábricas como a J & G Meakin, e a Petrus Regouta CO. A primeira é inglesa fabricante de utensílios domésticos de porcelana desde 1851. A segunda é holandesa e está no mercado desde 1834.

Segundo a Historiadora e Pesquisadora Jóina Freitas Borges, os índios Tremembé foram os primeiros habitantes do litoral piauiense. Existem vestígios e documentos que comprovam a ocupação deles no local, desde o século XIII até o final do século XVII.

Encontrei inúmeros escritos de cronistas que relatavam sobre os Tremembé no litoral piauiense, Todo o litoral do Piauí fora ocupado pelos Tremembé entre os séculos XIII e XVII. Nessa época, os Tremembé se concentravam em diversos pontos na costa setentrional do Brasil: em Jericoacoara no Ceará, às margens do rio Camurupim no Piauí, em Tutóia e na Ilha do Caju no Maranhão, por exemplo. “Estudando os índios e os sítios arqueológicos, comecei a tentar fazer conexões entre a arqueologia e os documentos para ver os locais de ocupação deles”, diz a historiadora. A ocupação deste povo pode ser, inclusive, anterior a essas datas, pois possuíam uma profunda adaptação ao meio costeiro, que podia ser resultado de antepassados que já viviam no litoral há pelo menos 2.700 anos (BORGES, 2004)

Outro fator intrigante seria a identidade não vista com “bons olhos” perante a sociedade atual, pois os remanescentes de índios Tremembé da Ilha Grande não se identificam com seus antepassados, sua perfeição na arte da pesca e confecção de canoas, lendas enigmáticas sobre grandes batalhas com um pouco de fantasia, e suas feições indígenas, seriam as provas mais evidentes de permanências culturais destes povos ribeirinhos do Delta do Parnaíba.

A preocupação em dizimar a aldeia dos Tremembé vem do João da Maya da Gama que governou o Estado do Maranhão no século XVII, sua administração era feita pelos padres da Companhia de Jesus, estava nessa aldeia o padre João Tavares, missionário desses índios no litoral do Delta.

Todos esses anos da povoação do Maranhão até o de 1722 em que tomei posse daquele governo foi conhecida a Barbara nação dos Tremembé que a habitaram, possuíam e foram absolutos senhores de toda a costa desde a barra do Maranhão e ponta do Mearim até as barras do Parnaíba, e senhoriavam também as ilhas vizinhas a elas e assaltavam e matavam passageiros e roubavam tudo quanto dava á costa e dizem que se viam alguma embarcação pequena dada e fundo iam a nado cortar-lhe as amarras e tinham a comunicação com o gentio do centro do sertão, Araperús, Arajás, Aranhis, Guaranis, Cachicahires que vinham resgatar dentes de tubarão e de espadarte para a ponta de flechas(...) (Maya Gama,Diário, 17.12.1728)

As vozes desses poucos narradores normalmente não são ouvidas por aqueles que institucionalizam o saber e o petrificam na forma de arquivos, melhor, na forma da História.

Então se transformam em vozes esquecidas, cujas narrativas vão se perdendo sob as areias do tempo.

Isso acontece porque o saber sobre esses lugares antigos perde a importância, diante das necessidades mais imediatas das comunidades hodiernas. A maioria das pessoas atuais não se identifica com o “lugar dos índios antigos”, pois há décadas escuta o discurso que “dizima” e denigre as populações indígenas habitantes desses lugares, discurso que também trata de descolar a imagem dos “indígenas” do passado, da imagem das “pessoas” do presente, tornando os “índios” uma outra espécie de gente. O conhecimento sobre esses “índios antigos”, então, vai se apagando com o tempo (BORGES, 2006, p. 49).

O intrigante Sítio da Dona Dedé é um desafio para esta pesquisa, e para o conhecimento de várias áreas, que permitem começar a escrever uma História, principalmente da transnacionalidade do comércio de Parnaíba. Este comércio já se iniciou com índios Tremembé, no século XVI. Por fim, com nosso trabalho, desejamos socializar e preservar a memória histórica dos vestígios da ocupação humana em torno do território do Delta do Parnaíba.

2. A MEMÓRIA HISTÓRICA SOBRE OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DE LUIS CORREIA E DEMAIS CIDADES DO TERRITÓRIO DO DELTA DO PARNAÍBA .

A região Norte do Estado do Piauí hoje se constitui como importante polo arqueológico regional concentrando diversos sítios arqueológicos como abrigos sob rochas, sítios á céu aberto, sambaquis, inseridos nos complexo litorâneos, a envolvem os sete municípios do Delta do Parnaíba, onde o turismo da região bem como a diversificações das empresas do setor terciário, são fatores que ressaltam a necessidade de capacitação educacional, dinâmica esta que faz da escolaridade fator decisivo para a colocação do indivíduo no mercado de trabalho.

Luis Correia é município integrante da microrregião do baixo Parnaíba, localizado aproximadamente a 386 de Km de Teresina, Localiza-se a uma latitude 02°52'45 sul e a

uma longitude 41°40'01" oeste, estando a uma altitude de 10 metros. Sua população estimada é 26900 habitantes IBGE/2010 Possui uma área de 1077,3 km². É o município piauiense com maior extensão de litoral, cerca de 46 km, e onde a maioria dos piauienses passam férias. Possui de acordo com IBGE 28.406 habitantes, destes 8.338 são crianças e jovens matriculados na rede pública do ensino fundamental(escolas municipais e estaduais), sendo Fundamental com 5.977, Pré-escolas 1.108 , Médio com 1.253. quantidade de escolas municipais existentes em município dados do INEP¹ 57.

Neste universo apenas quatro professores efetivos possuem licenciatura plena em história, sendo um recém formado. Os demais se tornaram professores pelas contingências da vida: indicações políticas, laços de amizade e parentesco, ou como última possibilidade de oferta pelo mercado de trabalho, sendo essa uma prática corriqueira e convencional no processo de escolha dos docentes. Historicamente, a tradição educacional brasileira encontra-se coagulada com as esferas do poder. O Ensino Fundamental é dever e obrigação do Estado, está previsto em Lei: o dever do Estado, com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de: ensino fundamental, obrigatório e gratuito inclusive, para os que a ele não tiveram acesso na idade própria (Art. 4^a, parágrafo 1^a Lei 9394/96).

¹Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais

É necessário tramitar por estas esferas para assim perceber a real dinâmica educativa e suas contradições ideológicas, este processo de gestão municipal se dá nem sempre pela caminha repleto de sinuosidade e torna-se professor, nem sempre apresenta pré-requisitos básicos institucionalmente normatizados, o clientelismo e o paternalismo são muito fortes. Muitas vezes ser eleitor ou representar um curral eleitoral que aglutine um número razoável de eleitores significa poder, o grau de instrução torna-se um complemento “descartável”, cada político, vereador, deputado ou cabo eleitoral procura junto ao poder público, com suas prioridades eleitorais, reterá entre si as vagas, dependendo do espaço geográfico e/ou político de influencia, relegando a um segundo plano em nome das prioridades da politicagem até mesmo a distribuição de séries, lotação da escola onde se irá dar aula, disciplinas de área afim, entre outros aspectos, são definidas por esta via, mesmo em relação aos professores concursados.

Com a disciplina de história a realidade ainda é mais pulsante tendo em vista que ministrar aulas desta disciplina, segundo argumentos relatados, nada mais é que sistematizar datas e fatos cronologicamente repetitivo e decorativo. Narrar tais procedimentos não trazem de novo quase nada. Enquanto prática social, tal fato mostra-se muito semelhante ao que acontece em inúmeras outras localidades espalhadas pelo Brasil, novo parece-nos o fato de estamos voltados para a historiografia dessas relações na educação de Luis Correia, tendo em vista que nos situamos em pleno século XXI, onde, a tecnologia, as descobertas, científicas em ramos diversificados, a informática, as armas enfim, as inúmeras engrenagens que compõem a estrutura social vigente na contemporaneidade superam as expectativas e colocam a disposição aparatos infindáveis de bens materiais educacionais e imateriais, nessa realidade educacional de município como Luis Correia.

Ensinando outros a fazer o que aprendemos, daí vem a preocupação com conscientização de uma educação histórica patrimonial para que possa ser disseminada na família na comunidade e principalmente no âmbito escolar, se partimos do conceito de destes bens culturais materiais como os sítios históricos, fazendo uma relação á disciplina História, onde a dimensão da perspectiva fundamentais. A educação sempre foi um valor para a população, mas no processo de conscientização, é um grande tabu, nesse sentido tive como meta objetivar neste texto mostrando a importância dos sítios arqueológicos do território do Delta do Parnaíba, em disseminar a prática específica de um processo de preservação patrimonial no conceito histórico-educativo. Sendo assim a dificuldade para formação profissional, os resultados práticos e didáticos desses já são problemáticos para aqueles que

frequentaram a academia, imaginemos para aqueles que quando muito, concluíram ou estão cursando o curso pedagógico, o que faz referência á grande maioria do professorado da rede escolar luís-correiense.

Durante o período de 2011 tive a oportunidade de trabalhar na comunidade de Lagoa do Camelo município de Luis Correia, onde o cotidiano escolar fez com que eu refletisse a necessidade de repassar para os alunos circunvizinhas aos sítios arqueológicos.

Pedra da Letra, nessa dinâmica trouxeram-nos inquietações, e delas o desenvolvimento de um estudo que possibilitasse uma assimilação mais positiva no processo de conservação de tais sítios, e um estudo detalhado com aprofundamento das teorias e técnicas arqueológicas, com isso repassar esse estudo para os professores de história de Luis Correia e demais cidades.

A partir de entrevistas e buscas de relatos de moradores da comunidade, buscando estabelecer uma interlocução acerca da relação sala de aula, com alunos de 6º e 7º ano do ensino Fundamental com a experiência da memória histórica dos sítios arqueológicos de Luis Correia e as cidades de Norte de Piauí.

O trabalho de docência em história manifesta-se fundamentalmente relacionando com a necessidade urgente de uma reflexão sobre educação patrimonial, na construção da memória histórica, com isso nos meus primeiros relatos sobre os sítios arqueológicos busquei perceber sua importância para a sociedade, cujo lugar a ser trabalhado tem que mostrar seu valor, mais para isso temos que trabalhar o espaço de contradições, onde as propostas possíveis podem se manifestar para o significado dos vestígios deixados por esses grupos humanos da pré-história e história. Refletindo acerca do conceito de memória, ressalta Jacques Le Goff: “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade individual ou coletiva, cujo busco é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades”.

Muitos são os casos onde as pessoas falam do papel histórico que se manifestam para o fazer histórico partem de agentes ativos e se manifestam satisfatoriamente.

3. TRABALHO DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NA PRAXIS.

Sítios arqueológicos do território do Delta do Parnaíba, local de levantamento e coleta de dados históricos de ocupação dos municípios do litoral piauiense e aprofundamento de pesquisas sobre a presença indígena, negra e da colonização nestas áreas onde há uma grande importância para estudo das lacunas que existem na pré-história e História do Piauí, tendo a região Norte do estado a grande parcela na contribuição destas culturas deixadas por esses povos.

Com isso a Educação Patrimonial é trabalhada com os professores de história nos planejamentos escolares, que convoque e sensibilize para essa tarefa, que envolva o desenvolvimento

que amplie o conhecimento sobre o passado e as relações que a sociedade estabelece, sempre com a necessidade de refletir para



Figura13: Palestra com a Comunidade de Lagoa do Camelo.

Foto: Danilton Nobrega.

construir uma memória social como patrimônio da sociedade e sempre indagar o resgate da memória e a ideia de pertencimento de todos os setores sociais.

A interdisciplinaridade ganha um suporte significativo principalmente em se tratando de meio ambiente, se partirmos do conceito da natureza em Marx, pois abordar as necessidades não é somente econômico e técnicas, mas também afetivas e mitológicas com efeito da natureza e sociedade, assim com o indivíduo não se contrapõe entre si, ainda como a natureza não pode ser separada do homem tampouco o homem e suas produções (artefatos, pinturas, rituais).

Marx elabora em suas teses sobre Feurbach, na sua obra *A Ideologia Alemã*, uma solução para o dilema da natureza na humanidade que hoje ainda é atual, em sua primeira tese ele fala que “é preciso pensar na realidade exterior não sob a forma de objeto ou de intuição, mas enquanto atividade humana concreta, enquanto práxis, de maneira não subjetiva”, portanto a realidade exterior é práxis humana, onde designa para Marx atividade social dos

homens cuja base é a atividade de produção material sendo a transformação da natureza e essência humana é uma realidade que ocasiona as relações sociais. Outra dificuldade encontrada frequentemente pelos professores é a de pensar interdisciplinarmente, porque toda a sua aprendizagem realizou-se dentro de um currículo compartimentado, eles não se sentem aptos a desenvolver projetos temáticos, que possuem um intenso trabalho coletivo e podem implicar a perda de tarefas e avaliações individualizadas. Sendo o registro arqueológico hoje é considerada uma assinatura material das ações dos resultantes da atividade humana que resistiram no tempo e no espaço, com o avanço da compreensão sobre a construção do passado e sua natureza identitária perante a humanidade, a sociedade, em busca de símbolos de pertencimento e memória, também passaram a considera como assinatura material para fins de registro arqueológico as paisagens especiais.

Com base nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), pude analisar as propostas para o trabalho com os temas transversais e as variadas formas de se desenvolver a interdisciplinaridade e visitas a exposições, museus e sítios arqueológicos. Decorrente da ideia da conservação patrimonial citada em capítulos anteriores, explicitando suas metodologias e práticas de ensino de história aplicando através de memória coletiva a partir da prática de ensino das sociedades que se estabelecem no decorrer do tempo.

Além de gratificante, é altamente instrutivo para professor e alunos o trabalho que envolva saídas da sala de aula ou mesmo da escola para visitar um museu, ir a uma exposição de fotografias ou de obras de arte, conhecer um sítio arqueológico etc. Estes momentos são geralmente lúdicos e representam oportunidades especiais para que todos se coloquem diante de situações diferentes, em atividades especiais de acesso a outros tipos de informação e de envolvimento com as vivências sociais mais amplas da sociedade e do conhecimento humano. As visitas aos locais são recursos didáticos favoráveis ao envolvimento dos alunos em situações de estudo, estimulando interesse e participação. Propiciam contatos diretos com documentos históricos, incentivando os estudantes a construir suas próprias observações, interrogações, especulações, indagações, explicações e sínteses para questões históricas. Nessas visitas, deve-se destacar para os alunos o fato de que irão conhecer espaços especiais de preservação e de divulgação de patrimônios históricos e culturais. Ao longo da História brasileira existiram concepções diferentes para patrimônio histórico e cultural. Uma das correntes atuais define patrimônio em três grandes dimensões: natural ou ecológico, histórico-artístico e documental. Nesse sentido, há o esforço de preservar, como patrimônio: o meio ambiente; os conjuntos urbanos; os sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico; as obras, os objetos, os documentos, as edificações, as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as formas de expressão; e os modos de criar, fazer e viver. Por sua vez, há o esforço de preservar, como patrimônio histórico, o patrimônio arquitetônico, arqueológico, documental, arquivístico, bibliográfico, hemerográfico, iconográfico, oral, visual, museológico e todos os outros bens que documentam a História de uma sociedade.

(PCNs, 1998, p. 89)

Ressaltando que este foi o ponto de destaque de meu trabalho de iniciação científica, ao passo que o desenvolvimento de atividades com a Educação Patrimonial é inteiramente interdisciplinar, como foi dito anteriormente, com isso parto do princípio básico da Educação Patrimonial, suas formas de



Figura 14: Vista ao sítio arqueológico Pedra da Letra de Lagoa do Camelo com os alunos e a comunidade Lagoa do Camelo. Foto: Danilton Nobrega

mediação, que possibilita a interpretação dos bens culturais, tornando-se um instrumento importante de promoção e vivência da cidadania, conseqüentemente, gera a responsabilidade na busca, na valorização e preservação do Patrimônio.

Sendo os sítios arqueológicos de arte rupestre portadores de uma linguagem de comunicação visual deixada por grupos humanos pré-históricos como testemunho das suas práticas de interação com o meio ambiente, a memória histórica dos sítios arqueológicos no território do Delta do Parnaíba apresenta narrativas diversas do imaginário com pontos importantes que ocorreram na trajetória que vai desde a cultura pré-histórica ao possível tráfico de escravos e mercadorias, inseridos na grande quantidade de sambaquis, sítios dunares, e ainda, de abrigos sob rocha, fartos de inscrições rupestres localizados no território do Delta do Parnaíba, as populações que vivem em torno dos sítios, com sua cultura agrícola, entre outras atividades produtivas, podem ter perdido importantes indícios da cultura material dos grupos étnicos responsáveis pelas execuções de tais registros rupestres no litoral. Mediante processo de conscientização acerca da importância da preservação do patrimônio histórico cultural presente nos diversos sítios arqueológicos ali localizados.

Fomentou-se² discussões com a comunidade sobre o que representa a degradação e/ou depredação destes Sítios arqueológicos, inclusive efetuando gravações áudio - visual de todo o processo, para tanto, realizei (palestras nas escolas, com explicação de que só pesquisadores qualificados devem recolher material para análise e sem fins lucrativos, entrevistamos alguns populares para recolher informações importantes sobre possíveis novos sítios), onde tais sítios foram catalogados e registrados com GPS e fotografias, e repassados

aos órgãos competentes como IPHAN, e Prefeituras e Secretarias de Turismo das cidades localizadas entorno dos sítios.

O ensino de história pode ser um instrumento valioso na promoção de ações educativas, que envolvam a rede escolar e as organizações locais como associações e colônias de pesca, as famílias, empresas e as autoridades responsáveis, para um melhor planejamento de um turismo histórico cultural, mas para isso enfatizo a importância de uma reflexão sobre memória, ensino e a construção de uma identidade com ações educativas patrimoniais no contexto da localidade em questão, nesse contexto, observamos as dúvidas e incertezas dos professores, como práticas possíveis a serem desenvolvidas no cotidiano da escola, da sala de aula e no interior da comunidade, por acreditar que o educador deve diagnosticar que o modo tradicional está defasado e ineficaz.

Precisamos de um ensino de História que valorize o aluno como sujeito capaz de propor e questionar, mais para que isso aconteça devemos repensar a nossa prática como professor, influenciando a pesquisa no cotidiano na sala de aula, pois é pela elaboração do conhecimento que conseguiremos tornar o ensino de História agradável, interessante e significativo para a vida dos nossos alunos.

Esses lugares e espaços que foram utilizados pela humanidade para realização de atividades que não deixaram transformações visíveis ou significativas no ambiente, são também de suma importância, pois não importa a grandeza do sítio ou a quantidade de artefatos arqueológicos, mas a contextualização e formação de confecção de tais registros.

Sendo o registro arqueológico hoje considerado uma assinatura material das ações dos resultantes da atividade humana que resistiram no tempo e no espaço, com o avanço da compreensão sobre a construção do passado e sua natureza identitária perante a humanidade, a sociedade, em busca de símbolos de pertencimento e memória, também passaram a considerar como assinatura material para fins de registro arqueológico as paisagens especiais.

² Discutiu-se a importância da Educação Patrimonial no processo educacional, como propulsora de práticas preservacionistas do Patrimônio Cultural. De um modo em geral, a pouca valorização do Patrimônio Cultural, se dá pelo desconhecimento que a maior parte da população, possui do tema que não é tratado nas escolas.

Diante do processo de modernização das cidades e comunidades percebe-se a constante desvalorização e desconhecimento com relação ao patrimônio cultural material e imaterial. Desse modo, a experiência enquanto graduando do curso de História me fez refletir sobre a necessidade de investimento na área de Educação para a valorização desses bens culturais.

Na pesquisa realizada sobre Educação Patrimonial no contexto escolar, onde consideramos que o tipo de ação educativa utiliza os bens culturais como fonte primária do conhecimento, gerando um diálogo permanente entre os indivíduos e os patrimônios culturais. Portanto, enfatizo um grau de pertencimento, fazendo com que o indivíduo adquira o hábito de valorizar e preservar, sendo o conhecimento crítico e a apropriação consciente pelas comunidades do seu patrimônio, são fatores indispensáveis no processo de preservação sustentável desses bens culturais, assim como no fortalecimento dos sentimentos de identidade e cidadania.

Com isso desenvolvi aulas de campo com alunos da Unidade Escolar Adalgisa Viera da localidade Lagoa do Camelo, zona rural de Luis Correia ao sítio arqueológico Pedra da Letra, assim como promovi a conscientização de preservação do patrimônio arqueológico e a implantação de atividades que possam gerar emprego e renda para a população das comunidades adjacentes ao local.

Promovi a pesquisa histórica, baseado em análises que abrangem uma dimensão acadêmica no sentido de desenvolver e sugerir novas perspectivas e conhecimento para a História do Piauí, e Região Norte Nordeste intercalando os relatos das pesquisas já realizadas por outros centros de pesquisa e outras regiões do Brasil.



Figura15: Aula de campo sobre educação patrimonial com alunos da Unidade Escolar Adalgisa Viera em Lagoa do Camelo. Fonte: Danilton Nobrega dos Santos.

Com abrigos sobre rocha e sítios a céu aberto com uma quantidade de pinturas rupestres bastantes variada, Como é o caso dos sítios arqueológicos, que se encontra na localidade Lagoa do Camelo a 60 km da cidade de Luis Correia com o nome de Pedra da Letra, desta forma depois das aulas de campo coletei informações valiosas dos alunos como Thais Araújo Vieira aluna da 6º ano e Lisandro Costa da Silva aluno do 7º ano ambos estudantes da Escola Adalgisa Vieira :

Danilton Nobrega: Você conhecia o sítio Pedra da Letra ?

Thais Araújo Vieira : não, meu pai sempre vem pra cá caça mocó mais nuca falou nada, se tinha essas coisas de índio aqui na Lagoa do Camelo !

Danilton Nobrega: Thais quais a importância de preserva os sitio arqueológico Pedra da Letra ?

Thais Araújo Vieira: por que temos que preserva essas pinturas que formam feitas por nossos antepassados.

Danilton Nobrega : À partir de agora como você vai tomar como providencia para que outras pessoas venham aqui e não destruam essas pinturas ?

Thais Araújo Vieira: Agente vai explicar para o povo que não tocar nas pinturas , nem riscar, e fazer roça perto das pinturas!

Danilton Nobrega : Por que é importante preserva os nossos patrimônios históricos

Thais Araújo Vieira : Para deixa para as futuras gerações , que ainda vão nascer.

Danilton Nobrega: Depois que você conheceu o sítio Pedra da Letra na Lagoa do Camelo, o que você vai fazer para preserva o sítio ?

Lisandro Costa da Silva: eu queria dizer que temos que preserva esse sítio por que era casa dos índios essas pinturas foram feitas por eles e temos que cuidar para as gerações futuras.

Danilton Nobrega: como você vai fazer isso?

Lisandro Costa da Silva: agora vou falar pra todo mundo que esse local é um patrimônio, e não pode passar a mão nas pinturas por que são muito antigas.

Danilton Nobrega? Para você qual a importância da desse sitio para a comunidade de Lagoa do Camelo?

Lisandro Costa da Silva: esse sítio é nosso então temos que cuidar .

Nesse sentido, promover a preservação e valorização desses bens culturais, exige grande investimento na área da Educação como ações educativas que possam aproximar os agentes responsáveis pela preservação (IPHAN), os que estudam o patrimônio (pesquisadores) e a sociedade em geral (estudantes e comunidades circunvizinhas aos patrimônios históricos e arqueológicos), estabelecendo um diálogo necessário há troca de conhecimentos.

Portanto, vemos que no ambiente escolar há um melhor aproveitamento das ideias de preservação e valorização, quando falamos sobre Patrimônio Cultural logo pensamos em monumentos, casas antigas, etc. Esta é a visão do senso comum, porém a ideia de Patrimônio é bem mais ampla, e incluem vários outros aspectos, todas as modificações feitas por uma

sociedade na paisagem para melhorar suas condições de vida, bem como todas as formas de manifestação socialmente compartilhadas, fazem parte do patrimônio.

Como nosso Estado é considerado o “berço do homem americano” por possuir o maior complexo de sítios de arte rupestre do mundo com teorias de ocupação com debates científicos, discutidos no mundo inteiro, em uma entrevista a Revista Nossa História³, Niéde Guidon fala que o país não dá atenção para seu patrimônio, quando é perguntada sobre os projetos que ela vinha desenvolvendo nas comunidades que vivem entorno do Parque Nacional Serra da Capivara ela relata sobre sua experiência na mediação destes projetos.

O primeiro passo era oferecer uma educação de bom nível. Como pegar pessoas que não sabem ler e escrever e treina-las para trabalhar em hotéis, aeroportos e restaurantes, Montamos cinco escolas e trouxemos pedagogos da Unesp para formar os professores. As crianças chegavam às 7h e saíam às 17h, tinham atendimento médico da Fundação Oswaldo Cruz etc. A mortalidade infantil caiu a zero, Os professores eram bem pagos e ficavam na zona rural, perto do parque e de segunda a sexta. Para as crianças que moravam longe tínhamos um internato. Quem financiava com o dinheiro da Itália depois da França, depois o estado do Piauí assumiria, então o Ministro da Educação passou a financiar o então Paulo Renato disse que não podia mais mandar dinheiro porque a constituição dizia que o repasse deveria ir para as prefeituras, como já estava tudo pronto o acordo com os prefeitos, me repassariam o dinheiro, Os prefeitos tomaram conta dizendo que iam cuidar de tudo, a primeira providência foi demitir as professoras treinadas pela Unesp, contrataram professoras do partido, a mãe e mulher... as novas professoras ganharam R\$160,00 por mês, as aulas só duravam duas horas e mandavam as crianças para as ruas (NIÉDE GUIDON, 2005)

Nesse sentido, tive a experiência de compartilhar os relatos de um ex-aluno de uma dessas unidades escolares que foram consideradas as melhores escolas públicas da época, e hoje é guia turístico, guarda florestal e morador da cidade de Coronel José Dias na comunidade Sítio do Mocó, Mauro Afonso, confirmando a experiência positiva de estudar e ao mesmo tempo relatou a tristeza pelo fim dessas escolas, o mesmo cedeu uma entrevista sobre suas vivências no local. Com isso elaborei textos coerentes apropriando-me da linguagem coloquial quando dirigida a população da região para fins da entrevista.

³ Revista Nossa História

D.N: Você estudou por quanto tempo nessas unidades escolares?

M.A: Eu estudei durante 5 anos da minha infância assim como todos as crianças da comunidade sítio do Moco na época.

D.N: Como era a escola e você gostava de estudar nela, relate como era essa relação?

M.A: Sim o ensino era bom os professores eram bem qualificados minha mãe inclusive era uma das professoras e fez treinamento com uns professores de São Paulo, e até hoje ela tem contato com uma professora da época.

D.N: Como era o ensino das escolas?

M.A: Agente entrava às 7h da manhã pra estudar, as aulas eram boas porque agente tinha livro novo, e até vídeo na sala, tinha curso de arqueólogo mirim, fiz muitas escavações em varias excussões no parque Nacional, só saia as 5h da tarde depois de comer todas as refeições do dia só dava tempo de jogar bola depois ir pra casa.

D.N: Como era a estrutura física da escola?

M.A: Era como se fosse uma escola normal, como até hoje o mesmo prédio, as mesmas sala de aula, mais o diferencial era o jeito que nos era ensinado....

D.N: Como foi repassado para vocês a questão de preservação patrimonial em relação aos sítios arqueológicos e os animais da fauna da região?

M.A: Bom meu pai foi caçador, eu não cheguei ajudar ele nas caçadas, mais meus irmãos mais velhos sempre tinham que ir pra ajudar ele, Era nosso único sustento da família. Mais na escola agente tinha aula de preservação patrimonial e que tudo aquilo que ficava no parque era nosso então nos podemos destruir ou depreder. Hoje a caçar é proibida na região. E meus irmãos e primos vivem do que o parque oferece.

D.N: Quem ajudava economicamente as escolas?

M.A: Bom agente sabia que as escolas eram diferentes das outras como as das cidades, tinham merenda boa e nunca faltava e inclusive quando o embaixador da França veio para fiscalizar o dinheiro que vinha de fora, Eu tive que aprender o hino da França todinho, até hoje sou capaz de contar umas partes dele...

Seguindo esse enfoque vejo a necessidade de trabalhar o Patrimônio Cultural nas escolas fortalecendo a relação das pessoas com suas heranças culturais, estabelecendo um melhor relacionamento destas com estes bens, percebendo sua responsabilidade pela valorização e preservação do Patrimônio, enfatizando a vivência real com a cidadania, num processo de inclusão social. No Brasil o órgão governamental que cuida do Patrimônio é o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, nascido como secretaria durante o governo Vargas –SPHAN. Este órgão vem atuando no sentido de concretizar esse processo de resgate pela sociedade de seu Patrimônio Cultural e acredita que pelo processo educacional estas práticas se efetivarão. Para tanto, preparou um Guia Básico de Educação Patrimonial, contendo propostas para o desenvolvimento de ações que auxiliem e contribuam para o reconhecimento das pessoas no referente às questões do Patrimônio cultural.

Neste sentido, pretendo discutir o conceito de Educação Patrimonial e fornecer subsídios para a implementação de ações de reconhecimento do Patrimônio Cultural, com o processo educativo, em qualquer área de ensino/aprendizagem, tem como objetivo levar os

alunos a utilizarem suas capacidades intelectuais para a aquisição e o uso de conceitos e habilidades, na prática, em sua vida diária e no próprio processo educacional, Entretanto o trabalho com o Patrimônio Cultural e Histórico é mais facilmente compreendido no âmbito das áreas/disciplinas que mais abordam o tema, como a História ou Artes. Trabalhar o Patrimônio, por meio de outras áreas/disciplinas, nem sempre é imediatamente percebido, pelos professores das demais disciplinas do currículo escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esperamos com a realização desse trabalho, incentivar estudantes e comunidade adjacentes aos sítios arqueológicos pesquisadores e comunidade acadêmica a desenvolver a prática de preservação patrimonial com ideia de pertencimento como bem histórico cultural, que beneficiará com subsídios para a prática de ecoturismo, mas todo um corpo de pesquisadores e profissionais que se sucederão através dos anos nas universidades piauienses.

Almejamos estimular os órgãos competentes e empresas de turismo a contratar mão de obra local, mediante treinamento específico, a fim de melhorar o quadro socioeconômico da região. Criar instituições de fomento à pesquisa em parceria com os centros acadêmicos e outros grupos como instituições não governamentais, incutir os cidadãos da região à criação de órgãos comunitários de preservação do patrimônio mencionado, incluindo a inserção de medidas que visam à coleta seletiva de lixo e a função dessas medidas para as melhorias de condição do ambiente, associada à preservação dos sítios arqueológicos.

A partir da preocupação de alguns órgãos de preservação do Patrimônio Cultural no Brasil em difundir e valorizar o acervo cultural do País. Neste contexto, a Educação Patrimonial configura-se como uma proposta ainda pouco difundida, embora reveladora de um trabalho que pode tornar-se facilitador do conhecimento crítico por parte das comunidades e indivíduos com relação ao seu Patrimônio Cultural, fortalecendo o sentimento de pertencimento. Neste sentido, destaca-se a atuação do IPHAN na preocupação de implementar ações específicas, de Educação Patrimonial. Em sua luta pelo Patrimônio Cultural vem elaborando proposta educacional para efetivar seu trabalho em conjunto com a população por isto vem atuando na área da Educação Patrimonial. Porém, cabe às Secretarias de Educação (municipal, estadual e federal), mas, sobretudo a municipal, pois é quem deveria ter interesse em implantar programas educativos de preservação do seu próprio Patrimônio Histórico-Cultural.

A partir disto, constatou-se a necessidade de contribuir para a valorização do Patrimônio Cultural na região, entendido de modo mais amplo, incorporando inclusive os bens imateriais, o conhecimento de estudantes de 6º e 7º anos em relação ao Patrimônio Arqueológicos. O dado mais importante observado foi o conteúdo das respostas que valorizam culturas imateriais como Patrimônio. Esta observação reforça a necessidade de

ampliar a ideia de Patrimônio em ações pedagógicas, rompendo com o modelo historicamente estabelecido.

Neste sentido, acredito que a prática de Educação Patrimonial faz-se necessária em todos os âmbitos, tais como museus, bibliotecas, arquivos, etc., mas de maneira efetiva nas escolas desde a alfabetização, para que estas ações possam ser realizadas de maneira continuada. Então, proponho a inserção deste tema nos currículos escolares como tema transversal, visando um trabalho integrado e interdisciplinar.

Tal proposta não é tarefa fácil. Porém, a partir de minhas observações nas escolas, constatei a necessidade de difundir este tema com os professores, apresentando suas várias formas de se trabalhar nas escolas com as disciplinas obrigatórias. Os objetos patrimoniais, os monumentos, sítios históricos, ou o Patrimônio imaterial e natural, são recursos educacionais importantes, pois permitem a ultrapassagem dos limites de cada área, o aprendizado de habilidades e temas que serão importantes para a vida dos alunos. Desta forma, podem ser usados como motivadores para qualquer área do currículo ou para reunir áreas aparentemente distantes no processo ensino/aprendizagem. É importante considerar que a Educação Patrimonial contribui muito na formação de professores e estudantes, tornando esses sujeitos ativos e conscientes e exercendo de fato sua cidadania.

REFERÊNCIAS

- Arqueologia, Pré-História e História. In: TENÓRIO, Maria Cristina (org.). **Pré-História da Terra Brasilis**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.
- BASTOS, Rossano Lopes. **Uma arqueologia dos desaparecidos: identidades vulneráveis e memórias partidas** São Paulo, SP: Superintendência do Iphan em São Paulo, 2010.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História, Fundamentos e Métodos**. São Paulo – Cortez 2004.
- BORGES, Jóina Freitas. **A História Negada: Em Busca de Novos Caminhos**, Teresina: FUNDAPE, 2004.
- BORGES, Jóina Freitas. **Sob os Areais Arqueologia e História e Memória**. Dissertação de Mestrado. Teresina, 2006.
- CARVALHO, João Renôr F.de. **Resistência Indígena no Piauí colonial**. Teresina: EDUFPI, 2008.
- DEL PIORE, Mary; VENACIO, Renato. **Uma Breve História do Brasil**. São Paulo: Planeta Brasil, 2010.
- FUNARI, Pedro Paulo. **Arqueologias Brasileiras**, v.6,n.13, dez2004/jan.2005.
- GASPAR, Madu; Maria Dulce & IMAZIO, Mauro. Os pescadores coletor-caçadores do litoral norte brasileiro. In: TENÓRIO, Maria Cristina(org.). **Pré-história da terra brasilis**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.
- GUIDON, Niéde. As ocupações pré-históricas no Brasil executado a Amazônia. In: CUNHA, Manoel Carneiro (org.). **Historia dos índios do Brasil**. SP: Companhia das Letras, 1992.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. As primeiras expedições. **História geral da civilização brasileira: do descobrimento à expansão territorial**. Tomo I: A época colonial. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- MARTIN, Gabriela. **Pré-história do Nordeste do Brasil**. Recife: EDUFPE, 1996.
- Os índios Gueguê e Acoroá (Craô) do Piauí colonial entre 1738 a 1774. **História: publicações avulsas**. Teresina: UFPI, 2002.
- PESSIS, Anne Marie. Pré-história da região do Parque Nacional Serra da Capivara. In: TENÓRIO, Maria Cristina(org). **Pré-história da terra brasilis**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.
- PINHEIRO, Áurea da Paz; PELEGRINI, Sandra C.A. (org.). **Tempo, memória e patrimônio cultural**. Teresina: EDUFPI, 2010. 200.
- Povos indígenas do sertão nordestino no período colonial: descobrimentos, alianças, resistências e encobrimento. **Fundamentos: publicação da Fundação Museu do Homem Americano**. São Raimundo Nonato (PI), 2002.

SOUSA, Mauro Junior Rodrigues. **Revista do Trabalhador Parnaibano**. Parnaíba: SETRA, 2010.

VALLE, Carlos Guilherme Octaviano do. **Os Tremembé**: grupo étnico indígena do Ceará. Laudo Antropológico. PETI/Museu Nacional, 1992. [digitado].

GOUHRAN, André Leroi. **Caçadores da Pré- História**. Gesto e a Palavra, 1988.

LE GOFF, Jacques at. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão. 4 ed. Campinas: Editora Unicamp, 1996.

GINZBURG, Carlo. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário” **IN Mitos, emblemas, sinais**: São Paulo: Companhia das Letras, 1990.